

Em que áreas se têm vindo a desenvolver as actividades do gabinete de educação e formação/ACIME?

O Gabinete de Educação e Formação ou 'Entreculturas' é constituído por uma equipa que transitou, em Março de 2004, do anterior Secretariado Entreculturas. A Base de Dados Entreculturas e o Projecto de Educação Intercultural, assim como as diversas publicações na área da educação intercultural foram as iniciativas mais 'visíveis' do anterior Secretariado. A BD porque foi a primeira, e única, a disponibilizar informação pormenorizada sobre origem étnico-cultural dos alunos do ensino básico e secundário, o Projecto de Educação Intercultural porque, partindo de metodologias de investigação-acção começou a dar sentido à construção de projectos e materiais interculturais de escola e levou à formação sistemática de um número significativo de professores, entre 1993 e 1997.

Com a integração no ACIME foi possível prosseguir uma política de publicações e, na linha do que já vinha sendo orientação, alargar a acção a outros campos, na área da educação não formal e em colaboração com projectos de intervenção social. Trabalhamos, por exemplo, com o Programa Equal ou o Programa Escolhas na implementação de cursos de especialização/pós-graduação.

O que se entende por educação intercultural? Que questões se colocam em termos de conceitos e de práticas?

Uma das 'definições' de educação intercultural que usamos frequentemente foi formulada por um dos autores de referência em educação intercultural, Fernand Ouellet, já em 1991, mas que se mantém actual. Educação intercultural é definida como toda a formação sistemática que visa desenvolver, quer nos grupos maioritários quer nos grupos minoritários, melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas, maior capacidade de comunicação e atitudes mais adaptadas aos contextos de diversidade cultural.

Sublinho formação sistemática porque se pressupõe uma abordagem continuada e a vários níveis: educação formal e não formal, nas empresas, na administração. Não se trata de desenvolver actividades episódicas mas de induzir políticas e atitudes que reconheçam e valorizem a diversidade.

Por outro lado, é fundamental clarificar o conceito de base - o que é cultura. É importante distanciarmo-nos de um conceito de cultura associado a 'folclore' ou exotismo, ou a determinadas características superficiais, a chamada cultura visível; situemo-nos antes a nível da cultura 'profunda'. Sobretudo, trata-se de não associar cultura a nacionalidade mas sim de pensar a diversidade, também, em termos de classe social ou género, por exemplo. Costumo dizer que 'não é o outro que é diferente... somos nós!' As implicações desta simples afirmação são enormes. Trata-se de não reduzir o outro a estereótipos, significa ainda ter sempre presente que cada um de nós se encontra em permanente transformação ...

Nesta ordem de ideias torna-se claro, espero, por que razão sublinhamos também a ideia de que educação intercultural não se destina a públicos específicos mas sim a todos sem excepção, ou, se falarmos no contexto da imigração, tanto (ou se calhar mais) à sociedade de acolhimento como ao imigrante. Não se trata de conhecer melhor o 'outro' porque vem de longe... trata-se em primeiro lugar, precisamente, de aumentar a nossa própria consciência cultural - reconhecer todas aquelas pequenas coisas que nos habituámos a não questionar porque nos são tão familiares, que pensamos que são naturais ou universais mas que, como não o são, põem em causa a nossa capacidade de compreender e comunicar.

Aprendermos a ver o mundo com diferentes olhos é uma competência intercultural de base, regra de ouro na comunicação na sociedade intercultural! E haverá hoje alguma sociedade que não seja intercultural?

Que similitudes se poderão ou não referenciar entre educação intercultural, educação para a cidadania e educação para a paz?

Precisamente, educação intercultural é indissociável de educação para a cidadania e educação para a paz. Desenvolvendo um pouco mais o conceito de educação intercultural chegamos necessariamente à ideia de participação crítica na vida democrática.

Relacionando com as práticas escolares sublinharia que a metodologia de projecto e a aprendizagem cooperativa são dois pilares da educação intercultural que, por definição, se orientam para uma cultura de participação crítica na sociedade, uma cultura de trabalho em colaboração e parceria.

E se reparar, hoje em dia, quando se fala em sociedade do conhecimento são precisamente estas competências que são consideradas chave....

Que características devia ter uma escola intercultural? E que posturas e práticas da parte do professor?

Se fosse obrigada a limitar-me a duas palavras (ou quase) diria: uma escola que questiona continuamente a suas rotinas e cuja gestão e organização assentam na participação. Ou dito de outra maneira, e ainda em poucas palavras: é uma escola com projecto ... construído colaborativamente por professores, alunos, pais, funcionários, todos os elementos que, a nível local, constituem a comunidade escolar alargada.

Uma escola que reinventa formas de se organizar de maneira a adequar-se às necessidades, que não se conforma nunca com o 'insucesso', que vê na diversidade e na heterogeneidade uma imensa oportunidade, que atribui um lugar significativo às diferentes vivências culturais e religiosas, que torna essas vivências visíveis nos currículos, nos programas escolares, nos materiais pedagógicos. Que encoraja e desenvolve de forma sistemática estratégias de cooperação nas aprendizagens escolares, atribui um papel central às aprendizagens conceptuais complexas para todos os alunos, dá particular atenção à atenuação dos efeitos das desigualdades de estatuto, promove a participação igualitária de todos os alunos, é gerida de forma cooperativa e não só pelos professores... Enfim uma escola que se avalia permanentemente, uma organização que aprende.

Poderia referir exemplos significativos de boas práticas nesta área?

Felizmente é crescente o número de escolas que desenvolve iniciativas na área da educação intercultural. Também já passou, em grande medida, a fase, porque aconteceu, em que se confundia educação intercultural com festas, danças e gastronomia (as tais pontas da cultura visível)....

Hoje as escolas preocupam-se com as metodologias usadas, com a visibilidade e comunicação das diferentes culturas e línguas em presença...

Claro que, à excepção da Escola da Ponte, por exemplo, que é precisamente uma escola com projecto, no sentido que referia acima, poucas são as escolas que no contexto actual conseguem práticas continuadas e sustentadas que conduzam à tal

participação crítica. O que não quer dizer que não desenvolvam iniciativas muito importantes para o desenvolvimento da consciência cultural e nem sempre é possível lutar contra uma série de factores adversos, como por exemplo ver o corpo docente completamente alterado de um ano para o outro e ter de recomeçar de novo... Pode ver alguns exemplos de Boas Práticas no site do Acime, para só mencionar algumas das escolas que participaram, o ano passado, na iniciativa ACIME-UNESCO de celebração da Semana da Diversidade Cultural. Mas são, claro está, uma gota de água no oceano.

Voltando à escola da Ponte (vale a pena ver a página na Internet) diria que é das poucas escolas que reúne precisamente as características já enunciadas mas que, precisamente, não precisa de se autodenominar 'intercultural' para o ser...

Qual o apoio directo às escolas, numa perspectiva de educação intercultural?

De forma directa, temos dinamizado ou colaborado em variadas acções de formação quer com carácter de sensibilização ou divulgação quer, de forma mais aprofundada, no desenvolvimento de oficinas de formação.

Outra forma de o fazer é, indirectamente, através das edições. Sublinharia aqui as publicações mais recentes como o "Guia da Diversidade", que se situa precisamente numa linha de investigação-acção, e constitui um instrumento precioso na construção da escola intercultural.

Ou os módulos de formação "Português - Língua de Acolhimento" e "Cooperação e Aprendizagem". Refiro estas publicações porque podem ser consultadas (ou pode fazer-se o download) no site do ACIME, secção Entreculturas.

Todas estas publicações, assim como muitos outros livros de referência desde 'clássicos' da educação intercultural a teses de mestrado ou doutoramento podem ser consultados no Centro de Documentação do ACIME. E já agora não devo esquecer as 'estórias' e contos representativos de literatura intercultural para a infância e que são importantes para trabalhar nos Jardins de Infância e escolas de 1º ciclo.

Temos ainda procurado apoiar iniciativas de escolas, por exemplo, emitindo pareceres que de alguma forma possam facilitar o pôr em pé de projectos ou metodologias que se afiguram importantes.

Qual a importância e que trabalho é desenvolvido na área linguística - língua de origem e língua portuguesa?

Nesta área, como é notório, está infelizmente ainda muito por fazer... O mínimo que se pode dizer é que tem havido, eufemisticamente, uma enorme desatenção relativamente a esta problemática. A disciplina Português Língua não Materna não existe nos currículos dos ensinos básicos e secundário e claro, ainda não existe um programa de Língua Portuguesa não Materna que sirva de orientação às escolas e professores. Ou veja-se, por exemplo, a forma como o DL 6/2001 'sacode a água do capote'... as escolas que resolvam e implementem!

As diferenças na forma como as escolas abordam esta problemática é abissal. Temos tido contacto com escolas que construíram os seus próprios programas de português língua segunda. Mas também com professores que muito candidamente aconselham os pais a falarem português em casa, mesmo quando são recém-chegados e o que sabem de português mal dá para comunicar!

Há escolas que têm evitado os tradicionais 'apoios' e inventado formas de organização muito apropriadas. Outros defendem que o melhor para o aluno é ficar um ano (pelo menos!) a aprender português com aulas de apoio e em turma especial até "poder ser integrado" numa turma 'normal'... Imagine-se as consequências

dramáticas de tal prática, ou a forma como está aqui implícita uma concepção de escola em que a interação entre os alunos é menosprezada. Como se, para aprender português, esse não fosse precisamente um factor determinante!

Isto quer dizer que apesar de termos, desde 1974, um número muito significativo de crianças cuja língua materna não é o português não temos ainda consolidadas as estratégias adequadas para as receber numa lógica de igualdade de oportunidades e tendo bem presente que, em caso algum, pode uma criança ser impedida no seu percurso escolar pelo facto de não ser o português a sua língua materna.

Infelizmente a proximidade entre o português e as línguas faladas pelos crianças cujos pais vinham de Cabo Verde ou Guiné, por exemplo, ocultava o ‘problema’ e só agora em que a presença de alunos russos ou chineses torna óbvia a falta de preparação das escolas para os receber é que as coisas se começam a agitar. Claro que mais vale tarde do que nunca mas os custos são enormes para a sociedade e, claro, sobretudo para estas crianças que se viram ‘despojadas’ ... da sua língua.

A nossa acção é, claro, e dada a dimensão da equipa, limitadas, mas pensamos que quer a publicação do módulo de formação quer a acção junto das escolas tem apoiado iniciativas válidas e, noutros casos, permitido às escolas e professores reflectirem sobre as suas práticas.

Poderemos considerar Portugal um país xenófobo? Que estudos há, nesse domínio, no que respeita às nossas escolas?

Bom, diria que um aspecto ainda não mencionado é o da, normalmente designada, ‘educação para os media’... porque, presumo, esta questão é suscitada pela recente publicação de uma notícia intitulada ‘Portugueses mais resistentes aos imigrantes do que a média europeia’.

O que a educação intercultural faz é precisamente criar e desenvolver instrumentos que nos permitem viver numa sociedade complexa e, já se sabe, as abordagens mediáticas vão, por definição, no sentido inverso, no da simplificação. O relatório do Observatório Europeu dos Fenómenos Racistas e Xenófobos merecia uma leitura mais aprofundada e não permite tirar conclusões tão apressadas.

Não digo isto para de alguma forma retirar importância ao problema nem dar a impressão de que partilhamos de alguma forma a ideia de que em Portugal ‘estas coisas não se passam’. Se assim fosse não defenderíamos que é a escola intercultural se caracteriza precisamente por desempenhar um papel activo contra a discriminação e o racismo.

Mas a este propósito, e para finalizar, realçaria, muito brevemente, a acção do Observatório para a Imigração, uma iniciativa do ACIME, e que é constituído com base numa rede de diversos Centros de Estudos e Centros de Investigação ligados às universidades.

O Observatório tem levado a cabo um número significativo de estudos nesta área, por exemplo, “Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas nos Media” ou “Atitudes e Valores perante a Imigração” de entre os já publicados. Estes estudos podem ser obtidos ou consultados no Centro de Documentação do ACIME e também no site do Observatório da Imigração. Não há ainda muitos estudos sobre a escola mas o Observatório continua muito activo...